

# humanitas

**Vol. LXVIII**  
**2016**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

## **AS RECITATIONES NA CULTURA ROMANA RECITATIONES IN THE ROMAN CULTURE**

**PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA**

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra  
paulusergius@yahoo.com

Artigo recebido a 28-05-2016 e aprovado a 07-10-2016

### **Resumo**

Esta reflexão põe em confronto várias teorias sobre o início das *recitationes* em Roma, considera os diversos contextos e condições em que podiam ocorrer, as diferenças entre bons e maus autores e recitadores e os diversos tipos de respostas que o público dava.

**Palavras chave:** Asínio Polião, bibliotecas, auditórios, banquetes, autores, leitores e público

### **Abstract**

This paper compares the different perspectives on the beginning of Roman *recitationes*, analyses various contexts and conditions in which they could take place, tries to distinguish from the bad ones the good authors and readers, and between different responses of the audience.

**Key words:** Asinius Pollio, libraries, auditoria, banquets, authors, readers and public

## **1. O início das leituras públicas em Roma**

Ao considerar os fenómenos da escrita e da leitura de obras na Grécia, observou Casson que, nos começos do séc. V, quando ainda existiria apenas uma cópia das obras, seria por meio de leituras que se

faria a sua divulgação<sup>1</sup>. Xenófanos e Protágoras, de acordo com Diógenes Laércio 9. 18 e 9. 54, teriam lido em público as suas obras<sup>2</sup>, e se, em Plutarco, *Mor.* 862A-B (*De Herodoti malignitate* 26. 5), se reflete sobre o que teria sucedido se Heródoto tivesse lido um determinado passo das suas *Historiae* aos Ateninenses, já de Mnesiptólemo é dada por Ateneu 10. 432b como certa a informação de que tinha lido publicamente as suas *Histórias*.<sup>3</sup> Cícero, *Brut.* 191, informa que Antímaco tinha lido a sua *Tebaida conuocatis auditoribus*, e que, do provável círculo restrito, o único que assistira até ao fim tinha sido Platão. Entre as atribuições dos gramáticos e as aprendizagens dos alunos, contavam-se, no dizer de Platão, *Euthd.* 279e e *Lg.* 810b, a escrita e a ἀναγνώσις ‘reconhecimento’, ‘leitura’, ‘recitação’ de letras. A ἀναγνώσις ‘recitação’ dos mais variados tipos de metros, com propósitos sérios ou cómicos, visaria fazer dos alunos ouvintes, para que estes aprendessem de cor os textos (*Lg.* 810e-811a). Diodoro Sículo 15. 6 refere que Dionísio-o-Velho tinha por hábito convidar, para os recitais de sua poesia, homens cultos a quem cumulava de benesses e de quem se servia como instrutores e revisores dos seus poemas. Instado a comentar os versos do anfitrião, o poeta ditirâmico Filóxeno de Citera usou de franqueza e, por isso, foi castigado, até que, com base na ambiguidade de uma apreciação, conseguiu continuar a ser sincero quanto à má qualidade dos versos e, em simultâneo, ao caráter devastador e digno de pena do tema, o que foi tomado pelo tirano de Siracusa como a resposta apropriada ao teor da composição (cf. Amiano Marcelino 15. 5. 37). Dalzell sustenta que Apolónio de Rodes tinha dado ἐπιδείξεις em Alexandria e na sua cidade natal,<sup>4</sup> e Pennacini conclui: “Ma la vera e propria *recitatio* o lettura pubblica, quale risulta essere stata praticata a Roma, si è formata specialmente ad Alessandria per impulso dei protettori e per opera di poeti e scrittori ellenisti.”<sup>5</sup>

Importa, antes de mais, distinguir, da leitura para uma ou mais pessoas em círculo restrito, a individual e privada que, segundo uns, se faria em

<sup>1</sup> Casson 2002: 26.

<sup>2</sup> Do primeiro escreve, com efeito, Laércio: ἀλλὰ καὶ αὐτὸς ἐπραγμάδει τὰ ἑαυτοῦ (Hicks 1925: 426); e, do segundo: Πρῶτον δὲ τῶν λόγων ἑαυτοῦ ἀνέγνω τὸν Περὶ θεῶν (Hicks 1925: 466).

<sup>3</sup> Ἐπὶνικος γοῦν, **Μνησιπτολέμου** ἀνάγνωσιν ποιησαμένου τῶν ἱστοριῶν (Gulick 1930: 458).

<sup>4</sup> Dalzell 1955: 23.

<sup>5</sup> Pennacini 1989: 255 n. 44.

voz alta e, no entender de outros entre os quais me incluo, seria silenciosa.<sup>6</sup> Quanto à antiguidade do primeiro tipo de leituras referidas, informa

---

<sup>6</sup> Ao comentar Luciano, *Ind.* 2, sustentou Christoph Martin Wieland, em 1788-9, que o passo era a prova acabada de que os antigos liam em voz alta todos os livros de valor, e articulou esta ideia com as qualidades eufônicas do verso e da prosa antiga (Gavrilov 1997: 57). A propósito da sensibilidade do homem da Antiguidade Clássica à “música de la palabra hablada”, Norden 2000: 15ss., no final do séc. XIX, aduziu vários passos em abono da sua teoria e, após ter afirmado que “en la Antigüedad se solía leer en voz alta”, recordou Santo Agostinho, *Conf.* 6. 3, onde o facto de Santo Ambrósio estar a passar os olhos pelas páginas e manter em repouso a voz e a língua é, para o autor, no dizer de Norden, “tan inconcebible que busca razones de este *tacite legere*: o Ambrosio lo hacía para no ser cuestionado por el recién llegado (pues se podía entrar sin anunciarse) acerca del sentido de un pasaje obscuro, o bien para preservar su delicada voz.” Vale a pena notar que a primeira hipótese, formulada por Santo Agostinho, é a de Santo Ambrósio querer aproveitar o seu escasso tempo para se cultivar e, por conseguinte, não querer ser perturbado. Em nota ao passo, Norden 2000: 17 n. 7 ainda refere, em abono da leitura em voz alta na Antiguidade, os passos compilados por Rohde, *Der griechische Roman*, Leipzig 1876, 304 n. 1, mas, como muito bem notou Knox 1968: 422, o resumido passo de Santo Agostinho é a “Exhibit A”. Se, para o referido Knox, a atitude de Santo Agostinho decorre da sua proveniência de uma família pobre da província africana, já Gavrilov 1997: 61ss. sustenta que, se a obra reflete sobre a formação espiritual do seu autor e se os acontecimentos do passo em análise precedem o batismo de Santo Agostinho, que Santo Ambrósio haverá de celebrar em 387, facilmente se conclui que as palavras do autor não refletem estupefação perante o fenómeno da leitura silenciosa *per se*, mas a tomada de consciência de que Santo Ambrósio não tem disponibilidade para lhe prestar o apoio cultural e espiritual de que ele necessita naquele momento, quando começa a redescobrir, com os olhos da fé cristã, os escritos da Igreja (cf. *Conf.* 6.11.18). Johnson 2000: 599 põe a tónica na relação professor – aluno, pois, na presença do último, era suposto que o primeiro lesse em voz alta, tanto mais que os livros eram relativamente raros, e explicasse o sentido dos textos, tal como Ambrósio parece implicitamente fazer em *Conf.* 6. 4. Note-se, no entanto, que, em 6. 4. 6, alude Santo Agostinho ao facto de escutar os sermões de Santo Ambrósio ao povo (*in popularibus sermonibus*). Quanto a *Conf.* 8. 12. 29, onde Santo Agostinho ouve uma voz de um menino ou menina, numa casa ao lado, a dizer que leia, se dirige ao local onde se encontrava Alípio, abre ao acaso o códice do Apóstolo e depara com *Rom.* 13: 13-14 que lê *in silentio*, além de ter óbvias afinidades com 8. 6. 15 (cf. P. Courcelle, referido por Gavrilov), não traduz, segundo o mesmo Gavrilov 1997: 65, o esforço do narrador autodiegético para dominar a técnica da leitura silenciosa, mas a sua surpresa por ter sido sem proferir palavra e de forma algo inesperada que encontrou o seu caminho. Em estudo de 1927, intitulado “*Voces Paginarum*: Beiträge zur Geschichte des lauten Lesens und Schreibens”, Josef Balogh ainda justificaria à luz da *scriptio continua*, isto é, da ausência de espaços entre as palavras e da escassez de pontuação, a necessidade de ler em voz alta (apud Johnson 2000: 595; cf. Cavallo 2003: 726), mas, ao considerar a psicologia da leitura, Gavrilov 1997: 58 ss. não só lembrou que, na infância, a leitura em voz baixa se adquire pouco depois da feita em voz alta, como também observou o caráter

Suetônio, *Poet.*, *Ter.* 2 Rolfe, que Terêncio lera a sua *Andria* a Cecílio, e Rocha Pereira recorda Cícero, *Att.* 16. 2. 6, onde o remetente, a propósito do tratado *De gloria* que envia ao destinatário com a recomendação de que o guarde, lhe diz o seguinte: *Mas assinalem-se somente os dois passos que Sálvio se propõe ler a ouvintes de qualidade encontrados num jantar.*<sup>7</sup> Se, no que toca a história das recitações privadas em Roma, parece existir algum consenso, o mesmo se não verifica no caso das leituras públicas.<sup>8</sup> E

---

complementar dos dois tipos de leitura. O investigador ainda cita Luciano, *Ind.* 2, e Quintiliano, *Inst.* 1. 1. 33-34, para mostrar que os antigos tinham noção de que, no processo de leitura, enquanto a voz articulava o que ficava para trás, a vista procurava apreender o que se seguia, numa espécie de antecipação do que a moderna psicologia da leitura haveria de designar por ‘eye-voice span’ (EVS). Se, na leitura, o olhar, de acordo com Johnson 2000: 610, se move em fixações e saltos pelas linhas do texto e, a partir de cada ponto de focagem, a visão periférica do olho é de cerca de seis graus para cada lado, o que permite antecipar de 15 a 20 letras, é possível concluir que, ao fixar o olhar no meio de cada linha com uma variação entre os 15 e os 25 caracteres, seria possível lê-la toda silenciosamente ou em voz alta. Embora Knox 1968: 427 ss. e 432ss. aduza Antífanos, *Sappho* (frg. 196 Kock, Ateneu 10. 450c), Eurípidos, *Hipp.* 856 ss., Aristófanes, *Eq.* 115 ss., para demonstrar a prática da leitura silenciosa de cartas, bilhetes e oráculos na Grécia clássica, e, com base em Cícero, *Tusc.* 5. 116, sustente que em Roma se lia silenciosamente poesia; apesar de Gavrilov 1997: 70-1 fornecer, em apêndice, uma longa lista de “passages where silent reading is more or less certainly implied”, e de Burnyeat 1997: 74ss. considerar, em particular, Cláudio Ptolomeu, *Περὶ κριτηρίου καὶ ἡγεμονικοῦ* 5. 1-2, a verdade é que Pennacini 1989: 254 n. 44 continuou a sustentar que “Greci e Romani leggevano, anche, da soli, ad alta voce”, e Cavallo 2003: 726-7 a afirmar: “In antiquity, the most common way to read a book was to read it out aloud [...]. A good reading was almost like the interpretation of a musical score. [...] Less common than reading aloud was silent reading or reading in a whisper: both of these practices are evident in antiquity, but did not become predominant before the Middle Ages, at least not in the West.”

<sup>7</sup> Rocha Pereira 2009: 211 n. 11. *Sed notentur eclogae duae quas Saluius, bonos audiores nactus in conuiuio, dumtaxat legat* (Beaujeu 1988 251). Em comentário ao passo, recorda Beaujeu 1988: 217 n. 1 que, em *Ep.* 16.3.1, Cícero autorizará Ático a dar em privado uma leitura do texto completo.

<sup>8</sup> A propósito da tradução de *recitatio* por ‘leitura pública’, observa Dupont 1997: 45 que é má, “since there is nothing public about *recitationes* in the civic or political sense of that word. To the contrary, *recitationes* constitute a private form of oratorical (or poetical) discourse, a discourse that bestows social prestige and thus substitutes, at least in part, for the traditional *oratio*.” Posteriormente esclarecerá (47): “From the standpoints of time, space, and audience, the *recitatio* is a private performance. It has no place either in the calendar or in the political organization of the city’s space.” A *recitatio* de Asínio Polião, como veremos adiante, no caso de ter sido dada numa biblioteca pública e para um público indiscriminado, pouco teria de privado, exceto a possibilidade de ter sido dada por exclusiva

o problema começa, desde logo, com a interpretação das seguintes palavras de Séneca-o-Velho, *Contr.* 4, *praef.* 2: *Pollio Asinius numquam admissa multitudine declamavit, nec illi ambitio in studiis defuit; primus enim omnium Romanorum aduocatis hominibus scripta sua recitavit*<sup>9</sup>. Em vez de *aduocatis hominibus*, Quinn lê *inuitatis hominibus*, e a expressão sugere-lhe que “all interested were welcome” (cf. *contione aduocata*, Cícero, *Dom.* 124; e *populum aduocavit*, Lívio 1. 59. 7). O investigador vê, em *scripta sua*, uma alusão aos discursos, aos *noua carmina* referidos por Virgílio (*Ecl.* 3. 84 e 86), eventualmente às tragédias e à prosa historiográfica sobre as guerras civis de que fala Horácio (*Carm.* 2. 1).<sup>10</sup>

Com base no passo citado, sustentou Herwig, no já longínquo ano de 1864, que, por volta de 38 a.C., teria o referido Asínio Polião iniciado em Roma a prática de recitação literária, e não tanto retórica, para um grande auditório.<sup>11</sup>

Importa, no entanto, ter presente que a recitação para um vasto público não era propriamente uma novidade em Roma: de Lívio Andronico e Ênio diz, com efeito, Suetónio, *Gram.* 1: *nihil amplius quam Graecos interpretabantur, aut si quid ipsi Latine composuissent praelegebant*. Depois de afirmar que Crates de Malo, membro da embaixada enviada por Átalo à cidade na época da morte de Ênio (169 a.C.), nela havia introduzido o estudo da gramática, entendida no sentido de crítica literária, sustenta Suetónio, *Gram.* 2, que os imitadores do referido Crates se limitavam a analisar de forma cuidadosa e criteriosa poemas pouco conhecidos, quer de amigos falecidos quer de outras pessoas, e *a torná-los conhecidos dos demais pela leitura e comentário (ut.... legendo commentandoque etiam ceteris nota facerent*<sup>12</sup>). Informa ainda o biógrafo que em semelhante processo havia Gaio Otávio Lampadião dividido em sete livros os *Anais* que Ênio compusera em apenas um, e

---

vontade do autor. O problema é que não subsiste muita informação sobre o contexto social e político da referida *recitatio* ou da de Pompónio Secundo, de que falou Plínio-o-Moço e a que também aludirei adiante.

<sup>9</sup> Winterbotttom 1974: 422 e 424.

<sup>10</sup> Quinn 1982: 159. Cf. Dalzell 1955: 26.

<sup>11</sup> Herwig 1864: 7 ss., e ainda Bartsch 1994: 241 n. 42, Silvestre 2000: 109 n. 20 e Rocha Pereira 2009: 212 n. 12.

<sup>12</sup> Rolfe 1997: 378. Não há consenso quanto à data e ao rei que ordenou o envio da embaixada: se Pennacini 1989: 255 n. 46 sustenta que “tale ambasceria ebbe luogo nel 171 a.C. durante il breve regno di Attalo II, fratello di Eumene, poco prima della morte di Ennio nel 169”, esclarece, no entanto, Casson 2001: 53 que quem enviou a embaixada foi Êmenes II, rei Pérgamo entre 197 e 158, e que o acontecimento teria ocorrido em 168.

que, posteriormente, tinha também Quinto Vargunteio exposto os *Anais* a grande assistência em certos dias (*quos certis diebus in magna frequentia pronuntiabat*).<sup>13</sup> Embora este tipo de recitação tenha em comum com o de Polião, o vasto público que, a julgar pelos capítulos iniciais do *Satyricon* de Petrónio, talvez compreendesse outras pessoas para além dos alunos, a verdade é que se trataria de uma recitação-preleção que pouco teria que ver com a dimensão literária e artística da leitura dada por Polião.<sup>14</sup>

Ainda para realçar a antiguidade das *recitationes* relativamente à data proposta por Herwig, vale a pena ter presente que, com base no pressuposto de que Varrão teria composto uma obra intitulada *De lectionibus*, de que apenas resta o título, argumentou Dalzell, em meados do século passado, que dificilmente dez ou onze anos teriam fornecido ao autor, cuja morte se verificou em 27 a.C., matéria suficiente, em termos de leituras, para três volumes.<sup>15</sup>

Além disso, informa Horácio que o prestamista Rusão se dedicava à historiografia e massacrava, com a leitura de suas amargas histórias, os ouvidos de quem lhe devia e não pagava (*Serm.* 1. 3. 85-89)<sup>16</sup>. O facto de Horácio conhecer a situação não é, por si só, sinal de que o recitador seria inoportuno em público, pois os alvos seriam bem precisos, mas é uma hipótese assaz provável. Em contraste com Fânio, que presenteia seus

---

<sup>13</sup> Leneu Pompeio e Valério Catão, de acordo com o final do parágrafo de Suetónio, ainda se orgulham de terem, respetivamente com Lélío Arquelau e Vétio Filócomo, lido as sátiras de Lucílio, amigo dos dois últimos. No propósito de caracterizar Públio Valério Catão como um crítico literário prestigiado e influente, cita Suetónio, em *Gram.* 11, um poema onde se lê: *Cato grammaticus, Latina Siren, qui solus legit ac facit poetas. Catão, gramático, Sereia latina, que sozinho lê e faz poetas*. Após dizer que Quinto Cecílio Epirota, libertado de Ático e companheiro de Cornélio Galo, tinha aberto uma escola depois da morte do último em 25 a.C., e que nela admitira apenas alguns jovens crescidos e alguns mais novos a cujos pais não podia dizer “não”, Suetónio escreve: *Primus dicitur Latine ex tempore disputasse, primusque Virgilium et alios poetas novos praelegere coepisse, quod etiam Domitii Marsi uersiculus indicat: ‘Epirota, tenellorum nutricula uatum’*. Diz-se que foi o primeiro a debater de improviso, e o primeiro a começar a ler Virgílio e outros poetas recentes, o que também nos indica o versinho de Domício Marso: *‘Epirota, amazinha de tenrinhos vates.’*

<sup>14</sup> Sobre a leitura-preleção, que em grego se diz προανάγνωσις e ἐξήγησις e se traduz em leitura e comentário dos autores estudados, v. Quintiliano, *Inst.* 1. 2. 15 e 2. 5. 4; Gélio 18. 5; e Dionísio Trácio 1-2.

<sup>15</sup> Dalzell 1955: 25.

<sup>16</sup> *Acerbus/ odisti et fugis ut Rusonem debitor aeris, qui nisi, cum tristes misero uenere Kalendae, mercedem aut nummos unde unde extricat, amaras/ porrecto iugulo historias, captiuus ut, audit.*

livros com caixa e busto incluídos, o Venusino receia recitar os seus versos ao vulgo, por haver quem não aprecie aquele género de poesia (*Serm.* 1. 4. 21-25)<sup>17</sup>. Se a oferta da caixa e do busto parecem sugerir uma recitação em privado, já o facto de, em contraste com Fânio, Horácio dizer que não recita para o vulgo indicia o que, em *Serm.* 1. 4. 74-75, tornará explícito: *in medio qui/ scripta foro recitent sunt multi quique lauantes, muitos são os/ que recitam seus escritos em pleno foro e nos banhos*. Ora se Horácio, como referem Citroni et al., iniciou, “a partir do ano 40”, a composição de sátiras e epodos, e se, “por volta de 35/ 34, publica o primeiro livro de sátiras”<sup>18</sup>, facilmente se admite a possibilidade de os recitadores referidos por Horácio serem anteriores ao Asínio Polião que, em 39, ainda andava em guerra com os habitantes da Dalmácia.

Com base sobretudo nestes factos, concluiu Dalzell que a novidade das recitações de Asínio Polião teria passado pelo “establishment of public recitations on a more formal basis”, isto é, na biblioteca que o próprio teria criado no *Atrium Libertatis* algures entre as campanhas na Dalmácia (39-38 a.C.) e 28 a.C. (cf. Suet., *Aug.* 29. 8). Em abono da sua teoria, indica Dalzell bibliotecas helenísticas e romanas onde se teria levado a cabo semelhante prática.<sup>19</sup> E, de facto, as leituras feitas no espaço de uma

---

<sup>17</sup> *Beatus Fannius ultro/ delatis capsis et imagine, cum mea nemo/ scripta legat uulgo recitare timentis ob hanc rem,/ quod sunt quos genus hoc minime iuuat, utpote pluris/ culpari dignos*. Das palavras de Horácio é possível depreender que Fânio seria um poeta contemporâneo, mau, prolixo, ambicioso e anticesariano (Silvestre 2000: 121 n. 4).

<sup>18</sup> Citroni et al. 2006: 503.

<sup>19</sup> Dalzell 1955: 27 recorda que Vitrúvio 7, *praef.* 4-7 havia referido o caso da biblioteca de Alexandria; que escavações arqueológicas revelaram, na de Pérgamo, um átrio adequado para o efeito; que em comentário a Horácio, *Serm.* 1. 10. 38, tinha Porfírión notado que a biblioteca criada por Augusto no templo de Apolo, no Palatino, era ponto de encontro de poetas que aí liam as suas composições, e que, de acordo com Plínio, *Ep.* 1. 13. 3, Cláudio, ao caminhar pela colina do Palatino, ouvira certo Noniano a recitar (trad. do passo em Rocha Pereira 2010: 266). Sherwin-White 1966: 116 n. 3 já havia, contudo, esclarecido que Cláudio “was walking in the great villa, the Domus Tiberiana, on the Palatine – the word is not yet quite identified with the imperial ‘palace’ – and heard the noise, but not as Merrill says from the Apollinine library, because it was evidently a private party on which the emperor ‘gate-crashed’.” Mas se, neste caso, dúvidas persistem quanto à origem das *recitationes* que Cláudio ouviu, já a recomendação de Córidon a Melibeu no sentido de, se achar os versos do primeiro dignos de louvor, os levar aos sagrados santuários de Febo Palatino (Calpúrnio Sículo, *Ecl.* 4. 158-59), e a alusão de Juvenal 7. 36-37 à negligência do templo das Musas e de Apolo por parte de quem se dedica a um rico que não merece semelhante devoção parecem sugerir a prática de recitação nesse espaço.



biblioteca pública deveriam revestir-se de uma formalidade e de uma solenidade que seguramente andariam arredadas das que os gramáticos levariam a cabo e das que teriam lugar no Foro e nas termas. Com base no facto de se não encontrarem nas artes figurativas representações de leitura em bibliotecas, conclui Cavallo que “these, whether private or public, were primarily intended for the storage of books.”<sup>20</sup> Talvez a pintura e a escultura não tenham sido exaustivas no tratamento do tema.

Em estudo dos anos oitenta e parcialmente na esteira de Dalzell, admite Quinn que o mérito de Polião possa ter sido: “to extend and consolidate the social function of literature”, ou seja, acabar com outros pretextos e, ao cabo, passar a convidar expressamente para uma sessão de *recitatio*, mas, em contraste com Dalzell que associou o processo à criação da primeira biblioteca pública romana entre 39/ 38 e 28 a.C. e baseado no que se sabe das *recitationes* virgilianas das *Eclogae* e na centralidade de Polião na cultura da década de 40, sustenta que este teria iniciado as referidas leituras públicas antes do seu consulado, isto é, em 45 (ou mais cedo), ou, mais provavelmente, em 43-42.<sup>21</sup>

Na teoria de Dalzell é menor e na de Quinn é maior a probabilidade de as recitações dadas por Polião terem sido anteriores às dos poetas referidos por Horácio. Em qualquer dos casos, os dados disponíveis não permitem a elaboração de uma cronologia relativa que englobe todos os poetas referidos.

## 2. Os convites, os espaços, o ambiente e a regularidade das recitações

Dalzell e Quinn, conforme vimos, defenderam a natureza genérica dos convites que, de acordo com Séneca-o-Velho, se fizeram para a sessão de leitura pública dada por Asínio Polião, mas o texto latino não é absolutamente esclarecedor quanto à natureza pública ou privada dos referidos convites e ao seu carácter oral ou escrito. Não é possível determinar se, no que a estes tópicos diz respeito, se registou uma evolução posterior, o certo é que, ao negar o recurso a cartas e programas (*non per codicillos, non per libellos, Ep. 3. 18. 4; cf. Tácito, Dial. 9. 3-4: et libellos dispergit*) para convidar os amigos, não só sugerirá Plínio-o-Moço que aqueles seguramente seriam os meios mais formais e habituais para o efeito, como também realçará o carácter informal e desprezioso dos convites para a leitura do *Panegyricus*

---

<sup>20</sup> Cavallo 2003: 727.

<sup>21</sup> Quinn 1982: 159-160; Pennacini 1989: 257.

de Trajano: *prevenidos [...] mas só no caso «de não ser incómodo» e «de não terem mais que fazer» (nunca se está completamente desocupado em Roma, nem deixa de ser incómodo ir ouvir ler)*<sup>22</sup>.

As *recitationes* podiam ocorrer em espaços como os pórticos, as *aedes*, o Foro, as termas, as bibliotecas, as *stationes* e os teatros<sup>23</sup>, e tão grande haverá de ser a importância deste meio de difusão cultural na época de Adriano que, como informa Dalzell, se construirão *auditoria* especiais para o efeito.<sup>24</sup> Com base em Horácio, *Serm.* 1. 10. 37-39 e *Ep.* 2. 2. 92-95, sustentou Pennacini que, no templo de Apolo Palatino, costumava o *Collegium Poetarum* organizar, desde 28 a.C., um concurso de recitação literária.<sup>25</sup> Quando se trata, no entanto, de perceber o ambiente em que as leituras tinham lugar, são os jantares e os salões privados que aparecem mais documentados.

Anfitriões com veleidades literárias ofereciam jantares para atraírem público à leitura das suas obras.<sup>26</sup> Caso curioso é o de Plínio-o-Moço. Em *Ep.* 8. 21. 2, diz que, no intuito apresentar os seus *lusus*, ‘brincadeiras’, e *ioci*, ‘gracejos’, tinha criado condições para que fossem ouvidos por pessoas ociosas (*ab otiosis*), na sua sala de jantar (*in triclinio*), numa época de menor azáfama judicial, isto é, no mês de julho, e, embora o autor não aluda a pratos específicos, mas apenas à disposição de amigos em cadeiras diante dos leitos (*positis ante lectos cathedris amicos collocaui*), sustenta

---

<sup>22</sup> [...] *sed «si commodum» et «si ualde uacaret» admoniti (numquam porro aut ualde uacat Romae aut commodum est audire recitantem)* (*Ep.* 3. 18. 4; lição de Guillemin 1961: 135; trad. de Rocha Pereira 2010: 267).

<sup>23</sup> Citroni et al. 2006: 441. Marcial 3. 20. 10 e 4. 61. 3 alude a uma escola de poetas, que, como esclarece Pimentel, talvez se tratasse “de uma tertúlia literária, também chamada *Schola Octaviae* (...), que se reunia no pórtico de Lúvia e de Octávia” (Pimentel et al. 2000: 136 n. 40), e onde seguramente se fariam leituras públicas. Juvenal 1. 12-13 alude a uma espécie de pórtico ou jardim de Frontão. De Nero diz Suetónio, na vida homónima 10. 2: *Declamauit saepius publice; recitauit et carmina, non modo domi sed et in teatro*. Díon conta que certa vez Nero desceu ao palco do teatro e leu alguns dos seus poemas sobre Troia (Díon 62. 29. 1; cf. Tácito 16. 4: *Primo carmen in scaena recitat.*). Sobre as leituras em *stationes*, v. Cavallo 2003: 727.

<sup>24</sup> André 1949: 116; Dalzell: 1955: 28.

<sup>25</sup> Pennacini 1989: 259-60.

<sup>26</sup> Horácio, *Ep.* 1. 19. 37-38; Marcial 3. 45, 3. 50, 5. 78. 23 e 25; Plínio-o-Moço, *Ep.* 8. 21.2.

Guillemin, em nota, que “les poésies de Pline” estavam destinadas a “être lues dans les *acroamata*”<sup>27</sup>.

Em 3. 45, Marcial acusa Ligurino de usar um jantar requintado, com rodovalho, ruivo de duas libras, cogumelos e ostras, como pretexto para recitar, e, em 3. 50, descreve o modo como se articulavam os pratos com a leitura: mal arrumava as sandálias, logo se trazia, por entre alfaces e salmoura avinagrada, um enorme livro (*ingens/ .... liber*, 3. 50. 3-4; cf. *crassum.... uolumen, um espesso volume*, 5. 78. 25); enquanto esperavam pelos primeiros pratos, outro se lia por completo; e, antes da sobremesa, se concluía a leitura de um terceiro. Para cáirem nas boas graças dos ouvintes, podiam ainda os autores presenteá-los com surradas roupas (*tritae munere uestis*, Horácio, *Ep.* 1. 19. 38), ou prometer-lhes generosa recompensa *post mortem* (Marcial a Pontiliano: ‘*Mortuus*’ *inquis!* ‘*accipiam bene te.*’ 12. 40. 5-6<sup>28</sup>), e, ao cabo, subornar tribos e tribunas literárias (*grammaticas ambire tribus et pulpita*, Horácio, *Ep.* 1. 19. 40).

Embora Horácio diga de Fânio que é *Hermogenis... conuiuia Tigelli* (*Serm.* 1. 10. 80), não é possível determinar se seria nessa qualidade e no contexto por ela sugerido que o referido Fânio ofereceria de presente os seus livros, com a caixa e o busto incluídos (*delatis capsis et imagine*, *Serm.* 1. 4. 22). É, seguramente, no propósito de inverter a prática mais habitual em Roma e para mostrar sincera amizade por Cereal, que Marcial, no convite que lhe dirige, promete não recitar a sua própria poesia e ouvir a *Gigantomaquia* e as *Geórgicas* que o convidado compusera sob a influência da obra homónima virgiliana (11. 52. 17-18). Ao relatar a morte de Petrónio, conta Tácito, *Ann.* 16. 19, que o Árbitro tinha aberto as veias, tinha ouvido com atenção quem lhe recitava versos ligeiros e divertidos, e participado num jantar, mas não é possível determinar se fizera as duas últimas coisas em simultâneo.

Tácito, *Dial.* 9. 3-4, alude ao pedido de empréstimo de uma casa e à preparação de um auditório por parte do autor que deseja apresentar

---

<sup>27</sup> Guillemin 1959: 84 n. 1. *Acroamata* – esclarecera Guillemin 1961: 32 n. 1 a *Ep.* 1. 15 – eram “distractions plus ou moins artistiques (cf. *Ep.* 9.17) accompagnant l’un et l’autre repas”. Sobre *acroamata*, v. Cornélio Nepos, *De latinis historicis: Atticus* 14. 1. Um dos participantes do diálogo de Plutarco, *Mor.* 711E-712B, sustenta que a tragédia, com sua elaborada encenação de acontecimentos, e o ballet piládico, pela necessidade de muitas máscaras e personagens, se não adequam aos banquetes. O mesmo se diz da Comédia Antiga, mas a Nova é admitida, e Menandro é uma presença constante.

<sup>28</sup> Shackleton Bailey 1990: 410.

suas composições (*nam et domum mutuatur et auditorium exstruit*). De Plínio-o-Moço, *Ep.* 8. 12. 2, e Juvenal 7. 36-42, é possível depreender que alguém abastado podia disponibilizar a um autor um espaço onde este apresentasse os seus trabalhos.<sup>29</sup> No primeiro passo referido é Titínio Capitão que, caracterizado como cultor de estudos, apreciador, patrono e divulgador dos trabalhos dos homens de letras, porto seguro, refúgio e aglutinador de intelectuais, para todos um exemplo, restaurador e reformador das letras, *domum suam recitantibus praebet*. Para demonstrar, no entanto, que o imperador – provavelmente Adriano, e não Trajano – é a última esperança dos clientes, diz Juvenal a Telesino que, para o não apoiar, um rico avarento comporá poemas, porá à sua disposição salas manchadas e degradadas (*maculosas... aedes*), uma casa há muito ferrolhada e cheia de gonzos, cuja porta parece os portões de intranquila cidade<sup>30</sup>.

Além de os recitadores poderem, para preservarem a voz, alternar com outras pessoas na leitura de longos poemas (v. *infra* a alternância de Virgílio e Mecenas na leitura das *Georgica* do primeiro), havia quem, conforme se depreende de Marcial 4. 41, envolvesse o pescoço em faixas de lã, para aquecer as cordas vocais e como preparativo para a leitura. Pérsio descreve um recitador penteado, branco na sua toga recente e com

<sup>29</sup> Em 4. 6, Marcial acusa Malisiano de ser mais descarado do que o indivíduo que, em casa de Estela, recita versos elegíacos.

<sup>30</sup> A interpretação de Juvenal 7. 41-42 (*Haec longe ferrata domus seruire iubetur/ in qua sollicitas imitatur ianua portas.*) não é consensual: Duff 1914: 273 ad loc. e Colton 1966: 84 veem em *longe* um advérbio de sentido espacial (*which is located far from the center of town*), mas, com Labriolle et Villeneuve 1971: 89 (*depuis longtemps*), Courtney 1980: 356 n. 41 (= *diu*) e Socas 1996: 190 (*hace mucho*), cuida que o advérbio tem um sentido temporal. Se é precisamente o valor temporal do advérbio que torna mais plausível a ideia de que há muito tempo que a porta da casa, qual portão de uma cidade cercada, está fechada (cf. Colton 1966: 84: “Its door is barred and resembles the gate of a besieged city”; Courtney 1980: 356 ad loc.: “SOLLICITAS PORTAS Gates of a city fearing attack; perhaps we should recognise a sense ‘vigilant’ in this adjective (Livy 5. 47. 3, Ovid *Met.* 11. 599). The house seems to want to exclude the listeners, and is far from inviting.”), a alusão seguinte ao ruído feito pelos libertos nas filas de trás (7. 43-44) e as alusões de Plínio à entrada e saída muito ou nada discretas de quem assistia, sem interesse, às leituras (*Ep.* 1. 13. 2), podem suportar a tradução de Labriolle et Villeneuve 1971: 89 e 90, segundo a qual se trataria de uma “maison... bardée de ferrures, dont l’ouverture ressemble aux portes d’une ville inquiète”. Parece-me que, ao usar formas com sentidos tão genéricos quanto *ferrata* e *sollicitas*, o que Juvenal pretende é manter uma leitura aberta que permita passar de uma ideia de dificuldade em entrar na casa e nos seus compartimentos para outra relacionada com o ruído perturbador de ferrolhos, dobradiças e gonzos.

uma sardónica como se fosse dia de anos (*pexusque togaque recentil/ et natalicia tandem cum sardonyche albus*, 1. 15-16). Embora, de acordo com Suetónio, *Poet., Ter. 2* Rolfe, se dissesse que Terêncio tinha lido o começo da sua *Andria subsellio iuxta lectulum residens, sentando-se num banco junto ao pequeno leito* de Cecílio, não existe consenso quanto à posição do leitor no ato de ler publicamente: alguns sustentam que estaria sentado, para se distanciar da representação teatral, ao passo que, segundo outros, estaria de pé em *pulpita*.<sup>31</sup> Tendo para a coexistência de ambas as posições.

Juvenal ainda diz a Telesino que um homem rico o não reembolsará das despesas relacionadas com a acomodação do público, mas o que de 7. 45-47 importa para esta secção do trabalho é a sugestão de que os assentos na sala se disporem à maneira de um teatro,<sup>32</sup> com cadeiras acolchoadas numa espécie de orquestra (cf. *cathedras* em Marcial 1. 75. 14), bancos e

---

<sup>31</sup> Depois de justificar com o ambiente dos tribunais e com a liberdade de movimentos e gestos do orador, as suas reticências relativamente a ler um discurso, Plínio, *Ep. 2. 19. 3-4*, alude à debilidade e ao ar deprimido de quem debate sentado e diz que quem recita abdica da preciosa ajuda do movimento de braços e olhos. Ao traduzir a última parte do passo, emprega Guillemin 1961: 93 a expressão *de plus*, que não tem correspondente direto no texto latino, e, no comentário a *ii qui sedentes agunt* (*Ep. 2. 19. 3*), observa Sherwin-White 1966: 201: “The custom was to recite sitting, even when a professional lector was employed”. Na sua esteira, sustenta Dupont 1997: 46 que, “to avoid having the reading of a text turn into its theatrical staging [...] the speaker remains seated, which of course prevents him not only from staging his text, but even from making use of such gestures as an orator might legitimately employ.” Pérsio escreve: *sede legens celsa* (1. 17), mas a forma *sedes* tanto pode significar ‘assento’ como ‘posição’, ‘lugar’. Já vimos que, em *Ep. 8. 21. 2*, Plínio alude à disposição de *cathedrae* diante dos *lecta*, o que talvez sugira uma leitura a partir dos últimos. Ao comentar a expressão *steriles cathedras*, de Marcial 1. 76. 14, defende Howell 1980: 280: “The poet would recite standing”, e Pimentel in Pimentel et al. 2000: 81 n. 190 desenvolve o tópico da seguinte forma: “O autor ocupava um *pulpitum*, um estrado ou palco, enquanto a assistência se sentava em *cathedrae*, ditas *steriles* porque nada rendem ao escritor a não ser o aplauso.” Sobre a disposição de amigos em cadeiras numa sala de jantar, v. Plínio, *Ep. 8. 21. 2*. Em todo o caso e de um ponto de vista puramente técnico, o recurso a *pulpita* não seria incompatível com o uso de cadeiras por parte do leitor. Ao considerar os testemunhos das artes plásticas acerca da grande variedade de contextos e posições de leitura, refere Cavallo 2003: 727, entre outros, “a traveller seated on a wagon and reading; a guest reclining at a banquet, casting his eye over an opened book; a woman attentively reading, whilst standing, sitting or walking along under arcades.”

<sup>32</sup> Courtney 1980: 356. Dupont 1997: 46 compara ainda o espaço à cúria e a um tribunal.

filas elevadas de assentos, na parte de trás da sala, suportadas por andaimos alugados.<sup>33</sup>

Quanto ao uso de bancos por parte do público, recorda Suetónio, *Cl.* 41. 1-2, que, quando Cláudio se preparava para fazer a primeira leitura pública de uma sua obra historiográfica, um homem gordo quebrou diversos assentos, e tanto se riu a demais assistência e o próprio Cláudio que, a partir daí, este teve de recorrer a um leitor profissional, pois a memória do sucedido despertava nele um riso compulsivo que o impedia de ler.<sup>34</sup> Não terá, seguramente, sido o caso da personagem referida por Suetónio, pois a leitura de Cláudio ainda estaria no início, mas a quebra dos assentos poderia resultar, como informa Juvenal 7. 86, a propósito do êxito alcançado por Estácio com a leitura da sua *Thebais*, do entusiasmo do público (*sed cum fregit subsellia uersu*).

Para ilustrar o desinteresse da assistência durante as leituras, refere Plínio-o-Moço, *Ep.* 1. 13. 2, que aquela se entretinha a conversar numa sala geral, situada nas proximidades do compartimento das *recitationes*, e, com maior ou nenhuma discrição, entrava, para ver se a sessão já ia em fase adiantada, e saía sem estar terminada. Juvenal ainda haveria de dizer a Telesino que o rico lhe proporcionaria libertos que, sem sensibilidade, perturbariam a sessão com o ruído que fariam nas filas de trás (7. 43-44).

À época das guerras civis e de Augusto ainda faz Pennacini remontar a leitura pública “di cantante o di attori professionisti in teatro”, que “assunse presto la forma di uno spettacolo del genere dell’opera lirica o del varietà.”<sup>35</sup> Mas a posteridade há de encontrar muitos outros pretextos para recorrer a esta forma de divulgação cultural.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> [...] *nemo dabit regum quanti subsellia constant/ et quae conducto pendente anabathra tigillo/ quaeque reportandis posita est orchestra cathedris*. Labriolle et Villeneuve 1971: 90. Tácito, *Dial.* 9. 3-4, também alude à necessidade de o autor contratar assentos para o público se instalar durante o espetáculo (*et subsellia conducit*).

<sup>34</sup> Apesar disso, quando interpelado por Hércules em grego, com um verso da *Odyssea* (1. 17), *Claudius* – no dizer do narrador de Séneca, *Apoc.* 5. 4 – *gaudet esse illic philologos homines: sperat futurum aliquem Historiis suis locum* (Waltz 1966: 5). *Cláudio regozija-se por ali haver letrados: espera que haja ocasião para a leitura das suas Histórias*.

<sup>35</sup> Pennacini 1989: 260. O autor remete para os testemunhos de Ovídio, *Ars* 3. 345-6, *Tr.* 2. 519-20, 5. 25-28, *Pont.* 4. 13. 33-36; Pérsio 1. 13-21; Probo, *Vita Persi* 5 e 8; Juvenal 1. 1-6, 7. 82-87.

<sup>36</sup> Alberto Manguel 1998: 121-134 refere, entre outros exemplos, as leituras feitas por um trabalhador da fábrica cubana de charutos El Fígaro, na segunda metade do século XIX, para os seus colegas.

A regularidade das leituras públicas na época de Plínio-o-Moço era tal que, como o próprio refere, quase não havia dia do mês de abril em que se não lesse publicamente (*Ep.* 1. 13. 1). Tamanha será a praga das recitações em Roma que Juvenal, em 3. 9, a colocará, sobretudo quando praticada no mês de Agosto, a par de incêndios, de quedas de telhados e de outros perigos, entre os motivos que fazem seu amigo Umbrício trocar a urbe por Cumas e a si próprio preferir, à Suburra, uma pequena ilha no golfo de Nápoles, Próquita. Sherwin-White sustenta que “Pliny split his own recitations into short sessions of two or three hours” e realça o exagero subjacente a proclamações de que se tinham gasto dias inteiros em audições,<sup>37</sup> que, em todo o caso, sem exagero e de acordo com Plínio, *Ep.* 8. 21. 4 e 3. 18. 4, se poderiam prolongar por dois ou três, ou mesmo, segundo Suetónio, *Poet., Virg.* 5 (Rolfe), quatro dias.

### 3. Autores, recitadores e a qualidade dos textos e das leituras

Depois de falar de estafados motivos e temas incansavelmente repetidos em intermináveis leituras, Juvenal, ao dizer que também ele havia subtraído à férula a mão, que também ele havia aconselhado Sula a que, de regresso à vida privada, dormisse a sono solto (1. 15-17), ao cabo sugere que havia partilhado, com os poetas e recitadores criticados, da mesma educação retórica e declamatória.

A poesia latina está cheia de maus autores que não perdem ocasião de importunar os outros com a leitura das suas composições. De Fânio diz, com efeito, Horácio, em *Serm.* 1. 10. 79, que é *ineptus*, seguramente no sentido de mau, prolixo e ambicioso.<sup>38</sup> No final da sua *Ars*, depois de afirmar que toda a gente foge do *uesanus poeta* como de quem tem sarna, e de dizer que, no caso de este cair num poço e pedir ajuda, se não saberá se o terá feito de propósito por causa da famosa atração da morte, conclui Horácio, em 474-6, que, enquanto *recitator acerbus*, o poetastro afugenta cultos e ignorantes, mas, quando caça alguém, qual sanguessuga que só completamente saciada larga a pele, destrói a vítima com suas leituras.

<sup>37</sup> Sherwin-White 1966: 375 aduz, em abono das palavras citadas, *Ep.* 3. 18. 4 e 8. 21. 4. O ponto de vista do ouvinte impaciente ocorre em Séneca, *Ep.* 122. 11: *itaque cum indignaretur quidam illum* (sc. Júlio Montano) *toto die recitasse*; Marcial 10. 70. 10: *auditur toto saepe poeta die*; Plínio, *Ep.* 6. 17. 3: *in hoc totum diem impendere*; e Juvenal 1. 4: *diem consumpsit*.

<sup>38</sup> Silvestre 2000: 121 n. 4.

Júlio Montano era, no dizer de Sêneca, *Ep.* 122. 11, *tolerabilis poeta* e, certa vez, recitava um poema com contínuas referências ao nascer e ao pôr-do-sol. Vale a pena, a este propósito, ter presente que, em *Apoc.* 2. 1-2, parodiara Sêneca os circunlóquios dos poetas para se referirem aos diferentes momentos do dia e às estações do ano. Plínio-o-Moço diz que Sílio Itálico escrevia *carmina maiore cura quam ingenio* e que, por meio de leituras públicas que dava, procurava perceber que efeito tinham esses poemas no público (*non numquam iudicia hominum recitationibus experiebatur. Ep.* 3. 7. 5).

De Ligurino diz Marcial que é demasiado poeta (*nimis poeta es*, 3. 44. 4), escreve e recita versinhos (*uersiculos*, 3. 50. 2) – note-se o uso do diminutivo com sentido depreciativo – e poemas que não servem senão para embrulhar cavalas (*Quod si non scombris scelerata poemata donas*, 3. 50. 9<sup>39</sup>), e é um leitor compulsivo. Além disso, importuna o poeta de BÍlbilis nas mais diversas situações, como quando este está de pé, está sentado, corre e defeca, e nos mais diversos lugares, como nas termas, na piscina, na sala de jantar, no quarto de dormir (3. 44. 10-16) – note-se a enumeração hiperbólica. Por isso, segundo Marcial, se torna temido, e todos dele fogem. Em 8. 20 chama Marcial a Varo insensato por escrever duzentos versos por dia e sensato por não recitar nenhum.

De poetas medíocres fala ainda Juvenal, quando nos diz que Cordo, com a voz rouca a ler sua *Theseis*, lhe causa tédio sem limites (*Numquamne reponam/ uexatus totiens rauci Theseide Cordi?* 1. 1-2). Depois de afirmar que já não suporta a recitação de *togatae*, de elegias, de um prolixo *Telephus* (*ingens/ Telephus*, 1. 4-5), de um *Orestes* que enche por completo as margens de um volume, o verso e ainda não está terminado, após confessar, saturado da recitação de obras como os *Argonautica* de Apolônio de Rodes ou eventualmente a obra homónima de Valério Máximo, conhecer de cor o bosque de Marte, onde o dragão guardava o tosão de ouro, e a caverna de Vulcano, próxima das ilhas de Éolo, às quais os Argonautas aportaram – projeta Juvenal na paisagem envolvente, em particular nos elementos constitutivos do jardim de Frontão, os efeitos, por vezes devastadores, do exagero de leituras sobre os mesmo temas: [...]*O que fazem os ventos, que sombras tortura/ Éaco, donde outro leva o ouro da furtada/ pelezeca, quanto medem os freixos que lança Mónico,/ de Frontão os plátanos e em*

<sup>39</sup> Shackleton Bailey 1990: 97.



*convulsão os mármoreos o clamam/ sem cessar e rachadas por tanto leitor as colunas./ Podes esperar o mesmo do maior e do mais medíocre poeta.*<sup>40</sup>

No fundo, o que Juvenal pretende dizer é que, mercê da formação comum, os bons e os maus poetas tratam os mesmos temas e motivos. Além de se poder encontrar no modo como esses temas são tratados, a diferença ainda é suscetível de ser verificada no modo como as peças são lidas. Virgílio, como informa Sérvio, *Ecl.* 6. 11, e Suetônio, *Poet.*, *Virg.* 5 (Rolfe), teria recitado com grande aplauso *Ecl.* 6, em honra de Varo e, durante quatro dias e em alternância com Mecenas para preservar a voz, as suas *Georgica* a Augusto, no regresso deste de Ácio e em Atela.<sup>41</sup> Ao descrever a leitura feita por Virgílio das suas *Georgica* a Augusto, Suetônio, *Poet.*, *Verg.* 5 Rolfe, diz que ele pronunciava *cum suavitate et lenociniis miris, com suavidade e encantos admiráveis*; que Júlio Montano costumava dizer que teria roubado algumas das obras a Virgílio *si et vocem posset et os et hypocrisin* [sub. *inuolare*], *se também pudesse <roubar> a voz, a expressão e a força dramática*; e que os versos que na sua voz soavam bem, na de outro *inanes esse mutosque, eram monótonos e inexpressivos*. Virgílio ainda teria lido a Augusto *A.* 2, 4 e 6, e a referência ao filho de Otávia, no último livro referido, teria suscitado o desmaio desta que estaria presente.

Apesar dos juízos negativos que Horácio foi tecendo sobre as recitações públicas, reconhece Ovídio, em *Tr.* 4. 10. 49-50, que o *numerosus* 'cadenciado' poeta lhe cativa os ouvidos enquanto profere poemas cultivados com a lira ausônia. A julgar, no entanto, pela recomendação do Venusino em *Ars* 387 ao mais velho dos dois Pisões, segundo a qual se este quiser escrever uma obra, deve dá-la primeiro a ouvir a Mécio e, em seguida, guardar o rolo de pergaminho durante nove anos, talvez se tenha tratado de uma recitação privada. Antes, havia o mesmo Ovídio confessado que Propércio, que foi seu companheiro e amigo, lhe costumava recitar seus apaixonados versos (*suos... ignes*, *Tr.* 4. 10. 45). Probo, *Vita Persi* 24-26 R, alude à boa impressão que a leitura, por parte de Pérsio, de alguns dos seus poemas causou a Lucano.

---

<sup>40</sup> [...] *Quid agant uenti, quas torqueat umbras/ Aeacus, unde alius furtivae deuehat aurum/ pelliculae, quantas iaculetur Monychus ornos./ Frontonis platani conuulsaque marmora clamant/ semper et adsiduo ruptae lectore columnae./ Expectes eadem a summo minimoque poeta.* Labriolle et Villeneuve 1971: 6.

<sup>41</sup> Cítiride ainda teria cantado a referida *Bucólica* no teatro (Sérvio, *Ecl.* 6. 11), e as *Bucólicas* eram frequentemente apresentadas por cantores em palco (Suetônio, *Poet.*, *Ver.* 5).

De Públio Papínio Estácio, um poeta popular mas mal pago (sobre os parcos proventos da boa recitação, v. Tác., *Dial.* 9. 3-4), diz Juvenal 7. 82 que tem uma voz encantadora (*ad uocem iucundam*), e que a sua *Thebais* é querida do público (*carmen amicae/ Thebaidos*, 7. 82-3). Da relação do poeta épico com o público escreve ainda Juvenal: *Tanta dulcedine captos/ adficit ille animos tantaque libidine uolgi /auditur*<sup>42</sup>. *Com tamanha doçura penetra/ ele os rendidos corações e tamanha volúpia do vulgo é ouvido.*

À luz do relato feito por Suetónio da leitura das *Georgica* dada por Virgílio e das elogiosas palavras de Júlio Montano, talvez se possa admitir a hipótese de a alusão de Plínio-o-Moço, *Ep.* 2. 19. 4, à renúncia, por quem recita, ao movimento de olhos e braços (*Recitantium uero praecipua pronuntiationis adiumenta, oculi, manus, praepediuntur.*) decorrer, no primeiro caso, da necessidade de segurar com ambas as mãos o rolo, e, no segundo, da leitura específica de um discurso jurídico. Ainda se pode ter dado o caso de os critérios de avaliação de uma leitura pública se terem alterado com o tempo.

Depois de recordar os argumentos aduzidos por Sílio Próculo para que reveja os textos do destinatário da carta e de declarar o seu amor pela poesia e a sua amizade por ele, escreve Plínio-o-Moço, a propósito da leitura que o primeiro dera de alguns passos (*Ep.* 3. 15. 3): *legis enim suauissime et peritissime. Lês, com efeito, de forma muito suave e versada.* Mas, da sua experiência *in auditorio Calpurni Pisonis*, conta o mesmo Plínio-o-Moço que assistira à leitura, por parte do anfitrião, *καταστερισμῶν* ‘dos seus *Astronómicos*’, cuja matéria, *estava escrita em elegíacos fluentes e suaves e naturais, sublimes ao mesmo tempo, como pede a matéria*<sup>43</sup>; onde a toada *de forma adequada com efeito e vária, ora subia, ora baixava*<sup>44</sup>; onde *o excelso em simples, o ligeiro em pleno, em severo o jovial se mudava, tudo com o mesmo engenho*<sup>45</sup>, e que se atualizaram da seguinte forma (*Ep.* 5. 17. 3): *Commendabat haec uoce suauissima, uocem uerecundia; multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet.*<sup>46</sup> *Valorizava estas coisas com a voz suavíssima, a voz com a modéstia;*

<sup>42</sup> Juvenal 7. 84-86. Lição de Labriolle et Villeneuve 1971: 91.

<sup>43</sup> [...] *scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus....*

<sup>44</sup> [...] *apte enim et uarie nunc attollebatur, nunc residebat....*

<sup>45</sup> [...] *excelsa depressis, exilia plenis, seueris iucunda mutabat, omnia ingenio pari....*

<sup>46</sup> Guillemin 1955: 89.

*muito rubor, muita inquietude na expressão, grandes trunfos de quem recita. Com efeito não sei por que razão mais convém a um homem de letras a timidez que a segurança.* Para tentarmos compreender a relação entre a arte do leitor e a do ator, vale a pena comparar o passo citado com Séneca, *Ep.* 11. 7: *Artifices scaenici, qui imitantur adfectus, qui metum et trepidationem exprimunt, qui tristitiam repraesentant, hoc indicio imitantur uerecundiam. Deiciunt enim uultum, uerba summittunt, figunt in terram oculos et deprimunt: ruborem sibi exprimere non possunt; nec prohibetur hic nec adducitur. Os atores de teatro, os quais devem imitar paixões, exprimir medo e ansiedade, denotar tristeza, servem-se, para imitar a vergonha, destes artificios: baixar o rosto, mastigar as palavras, manter os olhos fixos no chão. Corar, todavia, é coisa que são incapazes de fazer! O rubor nem se impede, nem se provoca deliberadamente.*<sup>47</sup> Ambos os passos consideram os modos como o leitor e o ator devem exteriorizar a *uerecundia*, que, no caso do primeiro, é considerada a atitude mais apropriada, e, no do segundo, surge na sequência e a par de outras paixões. A *uerecundia* está, para Plínio, intimamente ligada ao *timor*, ao passo que Séneca parece sugerir que o *metus* e a *uerecundia* são dois *affectus* diferentes e autónomos. Enquanto Plínio alude ao rubor nas faces de quem recita, Séneca entende que o ator não controla este tipo de resposta corporal. Se, a propósito de *multum sanguinis, multum sollicitudinis*, observa Waltz que “ces deux termes ne sont pas absolument synonymes: la rouger du visage n’est pas le seul signe de l’émotion”<sup>48</sup>, a verdade é que o autor latino não é suficientemente explícito quanto ao modo como o leitor pode manifestar a tal *sollicitudo*. Embora não seja possível precisar se Plínio estaria a pensar em todos ou apenas em alguns dos gestos referidos por Séneca (baixar o rosto, mastigar as palavras, manter os olhos no chão), ou ainda em gestos completamente diversos destes (p. ex., olhar rapidamente para um lado e para o outro), a “inquietude na expressão” pode sugerir, além das palavras mastigadas, o movimento dos olhos, da cabeça e eventualmente do próprio corpo. Por outro lado, o facto de Plínio se revelar tão vago poderá significar que o leitor se concentraria sobretudo na articulação das palavras e não estaria tão preocupado com os gestos.

---

<sup>47</sup> Lição de Reynolds 1965: I 25, trad. de Segurado e Campos 1991: 31-2. A adaptação ao *AO* 1990 é minha.

<sup>48</sup> Waltz s. d.: 124 n. 3.

De Virgílio Romano, que dera uma leitura de uma comédia à maneira das antigas e com qualidades para se tornar ela própria um modelo, diz Plínio, *Ep.* 6. 21. 3: *É, com efeito, digno de atenção pela probidade dos costumes, pela elegância do engenho, pela variedade das suas obras*<sup>49</sup>. O elogio das qualidades morais do autor-leitor ainda ocorrerá, conforme já vimos, em *Ep.* 8. 12. 1.

Ao descrever a forma apaixonada como Curiácio Materno lera o seu *Catão*, diz Tácito, *Dial.* 2, que ele se tinha esquecido de si e pensado apenas em *Catão* (*sui oblitus tantum Catonem cogitasset*).

Depois de ter justificado, com a necessidade de lhe dar maior amplitude e pujança, o facto de ter reunido em volume o elogio a Trajano proferido no Senado, e de revelar que à empresa havia presidido o propósito de realçar as virtudes do imperador *ueris laudibus, por meio de sinceros elogios*<sup>50</sup>, e de o apresentar como exemplo, diz Plínio-o-Moço que um discurso que no Senado costumava ser penoso e causar enfado, encontrou quem o tinha querido ler em grupo de amigos e um auditório que o havia apreciado, *não porque estivesse escrito com mais eloquência do que antes, mas com mais liberdade, e, portanto, com mais agrado*<sup>51</sup>. Em comentário às palavras citadas, realça Sherwin-White a satisfação de Plínio com “the restored but limited freedom of the Trajanic age”<sup>52</sup>, e, se dúvidas restassem quanto ao sentimento do auditório, trata o próprio autor de as dissipar na frase seguinte: *Acresce, portanto, mais este mérito aos predicados do nosso príncipe: é que um tema, que dantes era tão odioso como falso, agora se tornou apreciado, por ser verdadeiro*.<sup>53</sup> O passo tem óbvias implicações políticas e sociais, mas o que para o nosso propósito interessa, é a sugestão

---

<sup>49</sup> *Est enim probitate morum, ingenii elegantia, operum uarietate monstrabilis.* Guillemin 1955: 127. O primeiro era ainda autor de mimos em iambos e, na comédia, rivalizava com Menandro, Plauto e Terêncio. Da incursão de Virgílio Romano pela comédia antiga, retirou Plínio as seguintes conclusões (*Ep.* 6. 21. 5): *Non illi uis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuit: ornauit uirtutes, insectatus est uitia, fictis nominibus decenter, ueris usus est apte.* Não lhe faltou força, elevação, subtileza, aspereza, doçura, humor: ornou virtudes, censurou vícios, usou nomes fictícios com gosto, verdadeiros com critério.

<sup>50</sup> *Ep.* 3. 18. 2, trad. de Rocha Pereira 2010: 267.

<sup>51</sup> [...] *non quia eloquentius quam prius, sed quia liberius ideoque etiam libentius scribitur*, *Ep.* 3. 18. 6, trad. de Rocha Pereira 2010: 267.

<sup>52</sup> Sherwin-White 1966: 252 n. 6.

<sup>53</sup> *Accedet ergo hoc quoque laudibus principis nostri, quod res antea tam inuisa quam falsa, nunc ut uera ita amabilis facta est.* *Ep.* 3. 18. 7, trad. de Rocha Pereira 2010: 267-268.

de que, para uma leitura pública ter êxito, deve, antes de mais, ter presente uma identificação do autor, do recitador e do público com o conteúdo da mesma. Se o recitador e o público não acreditarem nas palavras do autor, tudo soa a falso e a sessão de leitura redundará num grande fracasso.<sup>54</sup>

A recitação é também um espaço privilegiado para a comparação entre a qualidade dos diversos poetas e recitadores: é certo que, ao responder aos dísticos de Marcial com a recitação de textos de Marso e de Catulo, revela Ceciliano a melhor das intenções, isto é, o desejo de realçar a superioridade do poeta de BÍlbilis, mas a ingenuidade do admirador não passa despercebida a Marcial, que tinha os dois poetas referidos por mestres e diz a Ceciliano que recite os seus próprios poemas (2. 71).

Se, no caso considerado, não pretende Ceciliano apropriar-se dos poemas que lê, outros havia em que os recitadores se tentavam indevidamente apoderar do trabalho alheio. Em 1. 29, é Fidentino que anda a recitar, como seus, os poemas de Marcial, e este que o adverte de que se quiser que pertençam a quem os tinha escrito, lhos enviará de graça, mas – e isto é que é verdadeiramente surpreendente para os nossos dias – se os quiser dizer seus, terá de comprar aquele livro. Em 1. 38, reclama para si a autoria do que Fidentino anda a recitar, mas, quando os poemas são mal recitados, deles se demarca, dizendo que passam a ser do recitador. Em 1. 63, queixa-se de Céler o convidar a recitar os seus poemas na esperança de deles se apoderar. Em 1. 52, o poeta faz de seus poemas queixosos de dura escravidão, e de Quinciano, seu protetor e amigo, *adsertor (libertatis)*, isto é, testemunha da liberdade que Marcial lhes concedera, e apela ao último que o grite três ou quatro vezes para ver se o *plagiarius*, que era termo jurídico para designar quem se apropriava do escravo alheio ou reduzia alguém livre à condição de escravo,<sup>55</sup> ganhava vergonha e os libertava. Em 12. 63 apela a *Corduba* que mande o seu poeta ter vergonha e deixar de lhe roubar poemas, pois, como o próprio Marcial reconhece, trata-se de tão mau poeta que não teme que lhe façam o mesmo. Em 1. 66 lança dura invetiva contra o ávido ladrão dos seus livros, que, convencido de que deles se pode assenhorear pelo modesto custo da sua simples reprodução (*scriptura* ‘escrita’, *tomus* ‘rolo’), se esquece de que livros divulgados e

<sup>54</sup> O tema da sinceridade volta a ocorrer em *Ep.* 8. 12. 5, onde Plínio, depois de aludir à beleza do tema tratado por Titínio Capitão e de esclarecer que se tratava da morte de homens ilustres, entre os quais alguns que lhe eram bem caros, diz que vai assistir a uma espécie de oração fúnebre tardia, mas mais sincera.

<sup>55</sup> Pimentel em Pimentel et al. 2000: 71 n. 125 e 127.

famosos jamais mudam de dono. Diz-lhe ainda o poeta que procure obras inéditas e inacabadas, que ele próprio tem desse tipo de livrinhos e que quem busca fama à custa da recitação de poemas alheios não compre o livro, mas o silêncio do verdadeiro autor.<sup>56</sup> Em 2. 20, observa Marcial que Paulo compra poemas para, por direito, lhes poder chamar, quando os recita, seus.

Em 1. 17-18, alude Pérsio ao facto de o recitador ter humedecido a inconstante goela em fluente e efeminado recitativo, e lançar ao público um olhar orgástico (*liquido cum plasmate guttur/ mobile conlueris, patranti fractus ocello*). A poesia de Marcial está pejada de maus recitadores, e tudo quanto os mantenha em silêncio é, para o poeta, digno de louvor: em 2. 88, diz a um indivíduo que nada recitava e queria parecer poeta, que fosse o que quisesse, desde que continuasse sem recitar nada; em 3. 18, manifesta o seu espanto por alguém, depois de confessar ter apanhado frio na garganta, estar a recitar; em 9. 83, diz a Domiciano que a sua arena tem o inegável mérito de ter transformado, ainda que temporariamente, os recitadores do costume em espetadores.

Em todo o caso, havia, como se viu a propósito de Cláudio, quem, como Plínio-o-Moço, *Ep.* 9. 34. 1-2, mediante a incapacidade de, pelos mais diversos motivos, recitar bem os seus textos, confiasse ou ponderasse confiar a leitura a um recitador profissional e, no caso de Plínio, ficasse sem saber que atitude adotar enquanto espetador da atualização de seus próprios poemas.

#### 4. Os propósitos subjacentes às *recitationes* e as respostas do público

À época republicana remonta, conforme se depreende do já referido testemunho de Suetónio acerca da *Andria* de Terêncio, a prática de tentar obter, junto de um autor mais experiente e socialmente reconhecido, o aval para a apresentação pública de uma obra por parte de um autor menos conhecido. No caso em apreço são os edis, seguramente responsáveis pela organização dos jogos onde o comediógrafo desejava apresentar a sua peça, que exigem a aprovação do prestigiado Cecílio. Suetónio conta que, depois de ouvir os versos iniciais, Cecílio convidou Terêncio a sentar-se à mesa, e,

---

<sup>56</sup> Para pressionar Otávio no sentido de este publicar o mais depressa possível seus bons poemas, diz-lhe Plínio-o-Moço que, se se não apressar, os vagabundos encontrarão outro dono, e que, além disso, se deve lembrar da sua própria condição mortal e de que aquele é o único meio de lhe garantir a imortalidade (*Ep.* 2. 10. 3-4).

terminada a refeição, escutou, *non sine magna.... admiratione* (Suet., *Poet., Ter.* 2 Rolfe), o resto da peça. Se, no caso da obra de Terêncio, o referido procedimento funcionaria como pré-requisito para a representação em festival próximo, já a obra que o mais velho dos Pisões quisesse escrever, depois de dada a ler a Mécio (*Ars* 38), deveria, segundo o Venusino, ser guardada durante nove anos.

Na *Hispania*, diz Marcial 12 *praef.* a Terêncio Prisco que sente falta dos ouvidos da urbe, pois na sua terra natal é como se estivesse a pelejar em terra estranha e, como o próprio confessa: “Se alguma coisa há que nos meus livros agrade, foram os ouvintes que a ditaram: aquela argúcia dos juízos, aquela fecundidade dos argumentos, as bibliotecas, os teatros, as reuniões, onde se estuda sem que o prazer se ressinta – em suma, tudo aquilo que, por despeito, abandonei e de que agora sinto a falta, a modos que defraudado.”<sup>57</sup> O autor ainda se queixa da má-língua, da inveja e da malevolência de um ou dois, que considera demasiados para um lugar tão pequeno.

Dado que, conforme refere Dupont, “an emperor could tolerate the public reading of the *Cato*, but could not permit its publication”<sup>58</sup>, viu-se Curiácio Materno confrontado, no dia seguinte à leitura, com as perguntas de dois famosos advogados, Marco Apro e Júlio Secundo, que queriam saber se o não incomodavam as conversas dos seus detratores e o não faziam sentir mais distante do seu *Cato*, e se ele não estaria a pensar cortar os passos mais polémicos antes de publicar a obra (Tácio, *Dial.* 2). Materno respondeu que o tinha feito por uma questão de consciência e prometeu, para o seu *Thyestes*, alguma crítica que no *Cato* lhe não tivesse ocorrido (3. 3). Os investigadores divergem quanto à identificação da personagem e às consequências de tamanha ousadia.

Em *Ep.* 5. 12. 1, a propósito da leitura de um pequeno discurso que pretendia ver publicado, esclarece Plínio-o-Moço que lê publicamente para estimular o seu empenho e para se dar conta de falhas que lhe escapem; em 7. 4. 7-8, conta que lera os hendecassílabos e outros metros aos seus

---

<sup>57</sup> *Si quid est enim quod in libellis meis placeat, dictavit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnia illa quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti.* Lição de Shackleton Bailey 1990: 395, trad. de J. L. Brandão em Pimentel et al. 2004: 109. Sobre a influência da opinião dos outros numa tomada de decisão, v. ainda Plínio, *Ep.* 7. 4. 10.

<sup>58</sup> Dupont 1997: 49.

companheiros (*sodalibus legi*; cf. *sodales* de *Ep.* 8. 21. 5) e que, por fim, se decidira a fazer um volume especial com seus hendecassílabos<sup>59</sup>; e, em 7. 17. 1-15, sustenta que, por essa manifestação cultural, procura aperfeiçoar os seus discursos. Mediante a notícia de que tal prática lhe teria merecido críticas alheias, o autor argumenta que o referido tipo de apresentação era já comum em áreas como a história, que visa a fidedignidade e a verdade, a tragédia, que exige palco e atores, e a poesia lírica, que requer um coro e uma lira.<sup>60</sup> Informa, além disso, que costuma começar por ler para si o que escreve, para, num segundo momento, o ler a outras duas pessoas, e, de seguida, o entregar a outras para o anotarem. Se a anotação lhe suscitar dúvidas, ainda as partilha com outra pessoa, antes de ler os seus escritos a um público mais vasto e então fazer as emendas com mais afinco.<sup>61</sup> Não se pense, todavia, que o público mais vasto referido corresponderia à turba indiscriminada, pois, como o próprio Plínio esclarecerá, trata-se de amigos certos e selecionados, cujas reações ele possa observar e se mostrem dignas de confiança, e amigos que, considerados individualmente, lhe suscitem o temor causado por uma multidão.

O esclarecimento feito por Plínio surge na sequência de uma referência contrastiva a Pompónio Secundo, autor de tragédias, que, quando algum amigo se manifestava pela supressão de alguma coisa, costumava responder: *ad populum prouoco*. Com base no passo, admitiu Fantham a hipótese de o apuramento de uma tragédia se ter feito, em primeiro lugar, por meio de recitação privada, mediante as opiniões de amigos, e, num segundo

---

<sup>59</sup> *Postremo placuit exemplo multorum unum separatim hendecasyllaborum uolumen absoluere, nec paenitet.*

<sup>60</sup> De igual sorte, havia já Plínio, em *Ep.* 5. 3. 2, confessado, para escândalo de quantos o criticavam, que fazia por vezes versos ligeiros, que escutava comédias, que assistia a mimos, que lia os líricos e apreciava os sotádicos, versos que, usados por Ênio, Ácio, Plauto, Varrão e Petrónio, eram marcados por tal licenciosidade que a sua leitura foi proibida aos jovens por Quintiliano, *Inst.* 1. 8. 6. Finalmente, alegara o autor que não fizera mais do que já haviam feito Cícero, Gaio Calvo, Asínio Polião, M. Messala, Q. Hortênsio, M. Bruto, L. Sula, Q. Cátulo, Q. Cévola, Sêrvio Sulpício, Varrão, os Torquatos, Gaio Mêmio, Lêntulo Getúlico, Sêneca, Lucano, Virgínio Rufo, César, Augusto, Nerva, Tibério, Nero, Virgílio, Cornélio Nepos, Ênio e Ácio (*Ep.* 5. 3. 5-6).

<sup>61</sup> A tradução completa do passo pode ser encontrada em Rocha Pereira 1994: 247-8. O processo parece alterado em *Ep.* 5. 12. 2-3, uma vez que, depois de ter lido o seu discurso a alguns convidados e de ter feito as correções, Plínio envia a obra a Terêncio Escauro, na esperança de dele obter uma opinião sobre o todo e as partes, de modo a tomar uma decisão quanto à conservação do texto ou à sua publicação.



momento, por meio da apresentação a um público mais alargado cuja reação se revelaria decisiva para a dissipação de quaisquer dúvidas que restassem.<sup>62</sup>

Embora existissem autores que, na leitura, omitiam determinadas partes e queriam ser aplaudidos por isso, Plínio refere, a propósito da variedade de pequenos poemas e metros que emprega para quebrar a monotonia, que tudo lê a fim de tudo poder corrigir, o que obviamente não podem fazer os que saltam determinadas partes<sup>63</sup>. Plínio diz amar os amigos e cuida-se suficientemente amado por eles para não reear maçá-los (*Ep.* 8. 21. 5). A prática era comum ainda no século passado: o narrador autodiegético dos *Paludes* de André Gide aproveitava os encontros com amigos e, em particular, com Angèle para lhes ler os passos à medida que ia escrevendo o seu livro e deles obter uma opinião ou uma sugestão.<sup>64</sup>

Quando os poemas penetravam o lombo dos ouvintes, e o baixo-ventre se excitava com trémulo verso, os corpulentos filhos de Roma, de acordo com Pérsio 1. 19-21, tremiam de forma nada decorosa e a sua voz perdia toda a serenidade.<sup>65</sup>

Havia, no entanto, a julgar por Horácio, *Ars* 442-4, e Marcial 8. 76, quem, como Gálico, não lidasse bem com a verdade, quando esta se traduzia em crítica, ainda que construtiva, às obras recitadas. É que, conforme se depreende de Horácio, *Ep.* 1. 19. 36-40, *Ars* 426-33, e de Marcial 5. 78. 23-25, 10. 10. 9-10, 12. 40. 1, os jantares e as roupas oferecidos por autores-recitadores à plebe e, em particular, aos *clientes* condicionavam as reações de muitos destes e faziam-nos sentir na obrigação de mentir e de aplaudir maus versos e más leituras. Vale, no entanto, a pena ter presente que, em *Ars* 434-6, recorda Horácio que, para testarem a sinceridade de determinada amizade, os reis recorriam ao vinho para a porem à prova.

<sup>62</sup> Fantham 1982: 7.

<sup>63</sup> *Lego enim omnia, ut omnia emendem quod contingere non potest electa recitantibus.* *Ep.* 8. 21. 4.

<sup>64</sup> Sobre a precedência da leitura e da revisão relativamente à publicação, v. Plínio-o-Moço, *Ep.* 4. 27. 1 e 5, onde o autor, após dizer que havia três dias que ouvira uma leitura dos *Poemata* 'Pequenos poemas' de Sêncio Augurino e após lhe tecer rasgados elogios (*Tertius dies est, quod audiui recitantem Sentium Augurinum cum summa uoluptate, immo etiam admiratione*), promete a Pompeio Falcão que assim que o autor os publicar (*ut primum publicauerit*), lhos apresentará; ou *Ep.* 2. 10. 6, onde Plínio, desesperado por Otávio não publicar seus bons poemas, aceita diferir a publicação à vontade do destinatário, desde que este ao menos os dê a conhecer por meio de leituras públicas.

<sup>65</sup> *Tunc neque more probo uideas nec uoce serena/ ingentis trepidare Titos cum carmina lumbum/ intrans et tremulo scalpantur ubi intima uersu.*

Depois de tecer rasgados elogios à comédia que Virgílio Romano lera, confessa Plínio que, ao falar de si, a simpatia do primeiro havia excedido a medida, mas, como o Moço reconhece, é lícito aos poetas mentirem (*Ep.* 6. 21. 6). Embora nos sintamos tentados a ver, na simpatia com que Virgílio Romano fala de Plínio, uma forma de condicionar o seu juízo sobre a comédia lida, tão objetiva é a apreciação que o segundo faz da peça do primeiro, que dificilmente se pode considerar a amizade entre os dois como condicionadora do parecer do crítico que ainda acaba por dizer a Canínio que, quando lhe enviar a obra, este a não largará, uma vez começada a leitura, e acabará por a decorar (*Ep.* 6. 21. 7).

Vítima deste estado de coisas, isto é, sem subornar a volúvel plebe, diz-se Horácio lido e apreciado em privado e desdenhado em público, e queixa-se, ainda em *Ep.* 1. 19. 35-45, de, na eventualidade de alegar que se envergonha de recitar os seus poemas por serem indignos de auditórios concorridos e de dar importância a bagatelas, logo ser acusado de os guardar para Júpiter e de ser presunçoso. Indiferente ao que pensarão de si, também Séneca recomendará que o orgulho pelos feitos literários não leve Lucílio a fazer leituras ou a participar em debates, e, deste modo, a misturar-se com a multidão (*Ep.* 7. 9).

Quem se não quisesse confundir com a turba tinha sempre a alternativa de mandar calar o recitador (Marcial 3. 45. 6), de recorrer a um cachecol para tapar os ouvidos (Marcial 14. 137) e de ameaçar fugir do festim e concretizá-lo (Marcial 3. 45 e 3. 50). Em resposta aos maus autores e aos motivos estafados que estava sempre a ouvir nas leituras, cuida Juvenal que é estulta clemência (*Stulta est clementia*, 1. 17), quando se encontram poetas por todo o lado – note-se o uso irónico da forma *uatibus* (1. 18) –, poupar suportes de escrita que acabarão inevitavelmente por ser usados. É com base na educação retórica que tem em comum com os maus poetas e no pressuposto de que se poupar o material de escrita, outros ainda piores o usarão, que Juvenal recorre a uma perífrase épica para dizer que se vai dedicar ao género já cultivado por Lucílio.<sup>66</sup>

Havia também quem apreciasse as leituras: Augusto escutava com paciência quem recitava poemas, história, discursos e diálogos (Suetónio, *Aug.* 89), e o próprio Plínio confessa que não havia faltado a quase leitura nenhuma (*Ep.* 1. 13. 5). Embora o Moço não assistisse a recitações alheias

---

<sup>66</sup> *Cur tamen hoc potius libeat decurrere campo, / per quem magnus equos Auruncae flexit alumnus*, 1. 19-20. Labriolle et Villeneuve 1971: 7.

na esperança de que também marcassem presença nas suas (*Ep.* 1. 13. 6), tão distinto é Titínio Capitão, tão assíduo às leituras dadas pelo primeiro e tão talentoso, e tão interessante é o tema tratado, que o autor de *Ep.* 8. 12. 2-4 não sabe se é um dever ou um prazer retribuir e comparecer na recitação que Capitão ia dar. Além disso, tão grande foi, apesar da medonha tempestade, a afluência de público à leitura, feita por Plínio, do *Panegyricus* de Trajano, e tamanho foi o prazer que as duas sessões proporcionaram, que, contra a vontade do Moço, e por insistência dos ouvintes, o recital se prolongou por um terceiro dia (*Ep.* 3. 18. 1-11). A propósito, contudo, de um autor que já havia recitado a maior parte de uma obra histórica em letra miudinha e se disponibilizara para ficar por aí, e da respetiva audiência que gritara que continuasse, já se havia Séneca, em *Ep.* 95. 2, manifestado contra a hipocrisia da multidão.

Entre as maiores admiradoras das leituras de Plínio-o-Moço, conta-se a sua própria esposa, que, de um local próximo, sentada por trás de uma cortina, escuta com avidez os elogios que lhe são dirigidos.<sup>67</sup>

Séneca alude ao hábito de algumas pessoas dormirem durante as leituras (Acílio Buta em *Ep.* 122. 12-13). A propósito da sugestão dada a Otávio no sentido de este ler publicamente os seus poemas, confessa Plínio-o-Moço que prefere, aos aplausos, o silêncio atento e expectante relativamente ao que se seguirá (*Ep.* 2. 10. 7), e, ao relatar a leitura de um livro absolutamente perfeito a dois ou três ouvintes, escreve (*Ep.* 6. 17. 2): *Eloquentes, a surdos-mudos semelhantes, ouviam. Não mexiam os lábios, não moveram a mão, enfim não se levantaram senão do cansaço de estarem sentados.*<sup>68</sup> Entre as manifestações de apreço por quem lê publicamente, refere Horácio, em *Ars*, a prática do adulator, convidado para jantar, de gritar cheio de alegria (*plenum/ laetitiae; clamabit enim*, 427-8): “*pulchre, bene, recte*” (428) –, de empalidecer, de deixar brotar uma lagrimita do olho e de bater com o pé no chão<sup>69</sup>; refere Marcial a sua, de a miúdo se levantar

<sup>67</sup> *Eadem, si quando recito, in proximo discreta uelo sedet laudesque nostras audis-simis auribus excipit* (*Ep.* 4. 19. 3). Plínio ainda diz que, sem lições de artista algum, mas inspirada única e exclusivamente pelo amor, a mulher compõe melodias para, com a cítara, acompanhar os versos do marido (*Versus quidem meos cantat etiam formatque cithara non artifice aliquo docente, sed amore, qui magister est optimus.* *Ep.* 4. 19. 4).

<sup>68</sup> *Diserti surdis mutisque similes audiebant. Non labra diduxerunt, non mouerunt manum, non denique adsurrexerunt, saltem lassitudine sedendi.*

<sup>69</sup> [...] *pallescet super his, etiam stillabit amicis/ ex oculis rorem, saliet, tundet pede terram.* 429-30.

para aplaudir<sup>70</sup>; a do cônsul e adular Paulo, que passa por permanecer de pé, com ambas as mãos estendidas para o rosto do recitador (10. 10. 9-10); e a de Sélvio que, ao adular na esperança de obter um convite para jantar, diz a quem recita e advoga causas: ‘*Effecte! graviter! cito! nequiter! euge! beate! Hoc uolui!*’ Perfeito! De peso! Nem mais! Malicioso! Bravo! Muito bem! Era isso que eu queria!<sup>71</sup> Entusiasmado com a leitura dos *Astronómicos* dada pelo próprio autor (Calpúrnio Pisão), confessa Plínio que lhe tinha dado longos e repetidos beijos e o incitara com elogios no sentido de conservar, até ao fim da vida, a chama pela qual seus antepassados o haviam guiado, para, por sua vez, guiar os descendentes (*Ep.* 5. 17. 4). Plínio ainda felicitara a mãe e o irmão, que, por sua vez e como prova de amor fraternal, revelara, durante o espetáculo, *metus* ‘apreensão’ e, no final, *gaudium* ‘satisfação’ pela eloquência e pelo desempenho do irmão (*Ep.* 5. 17. 5).

Em suma, as informações disponíveis não permitem estabelecer uma cronologia relativa que considere a atividade dos recitadores referidos por Horácio e as leituras públicas de Asínio Polião; não permitem precisar a data em que este teria lido publicamente as suas obras; e não permitem determinar se a novidade teria exclusivamente passado por conferir à referida atividade maior protagonismo e autonomia na vida cultural de Roma ou se estas conquistas se articulariam com a recitação na biblioteca por Polião criada. As leituras públicas podiam ocorrer em espaços tão variados quanto o Foro, as termas, os pórticos, as *aedes*, as *stationes*, os teatros, as bibliotecas e os *auditoria*, mas as mais documentadas, sobretudo devido aos testemunhos de Marcial, Plínio-o-Moço, Tácito e Juvenal, são as que decorrem em casas particulares (*cenae* e *auditoria*). Os textos que aludem ou descrevem as *recitationes* constituem um importante manancial de informação sobre as dificuldades que os autores enfrentavam, sobre as condições que os patronos lhes proporcionavam, sobre as rivalidades literárias e sobre tentativas de apropriação de textos alheios. Curiosa é a possibilidade de alguém poder comprar um livro de poemas para o recitar como se o tivesse escrito. Considerámos ainda, a propósito sobretudo de Virgílio e de Plínio-o-Moço, os aspetos que eram valorizados nas leituras, e, embora a informação sobre

---

<sup>70</sup> Cf. Cícero, *Att.* 2. 19. 3; Fedro 5. 100. 28; Quintiliano, *Inst.* 2. 2. 12.

<sup>71</sup> Lição de Shackleton Bailey 1990, trad. de José Luís Brandão em Pimentel et al. 2000: 106.

o assunto nos não permita tirar conclusões muito definitivas, procurámos perceber quais seriam as semelhanças e as diferenças entre a atividade do leitor e a do ator. Por fim, refletimos sobre a importância da leitura enquanto fase intermédia no processo criativo, isto é, como forma de o autor testar determinadas soluções, antes de publicar o texto.

## Bibliografia

- André, J. (1949), *La vie et l'oeuvre d'Asinius Pollion*. Paris.
- Bartsch, Sh. (1994), *Actors in the Audience. Theatricality and doublespeak from Nero to Hadrian*. Cambridge (Mass.) – London.
- Beaujeu, J. (1988), *Cicéron. Correspondance*, t. IX. Paris.
- Burnyeat, M. F. (1997), “Postscript on Silent Reading”, *CQ* 47(i): 74-76.
- Campos, J. A. Segurado e (1991), *Lúcio Aneu Séneca. Cartas a Lucílio*. Lisboa.
- Casson, L. (2001), *Libraries in the Ancient World*. New Haven and London.
- Cavallo, G. (2003), “Book”, in H. Cancik and H. Schneider (eds.), *Brill's New Pauly. Encyclopaedia of the Ancient World*, vol. 2. Leiden – Boston, 721-7.
- Citroni, M. et al. (2006), *Literatura de Roma antiga* (trad. de M. Miranda e I. Hipólito a partir de original italiano de 1997). Lisboa.
- Colton, R. E. (1966), “Juvenal on Recitations”, *CB* 42: 81-85
- Courtney, E. (1980), *A Commentary on the Satires of Juvenal*. London.
- Dalzell, A. (1955), “C. Asinius Pollio and the early history of public recitation at Rome”, *Hermathena* 86: 20-28
- Duff, J. D. (1914, 2<sup>nd</sup> ed.), *D. Iunii Iuuenalis Saturae XIV. Fourteen Satires of Juvenal*. Cambridge.
- Dupont, Fl. (1997), “Recitatio and the reorganization of the space of public discourse”, in Th. Habinek and A. Schiesaro (eds.), *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge, 44-59.
- Espírito Santo, A. do; Beato, J.; Pimentel, M. C. C.-M. de S. (2004, 2<sup>a</sup> ed.), *Santo Agostinho. Confissões*. Lisboa.
- Fantham, E. (1982), *Seneca's Troades*. Princeton.
- Gavrilov, A. K. (1997), “Techniques of Reading in Classical Antiquity”, *CQ* 47(i): 56-73.
- Guillemin, A.-M. (1955), *Pline le Jeune. Lettres*, t. II, livres IV-VI. Paris.
- Guillemin, A.-M. (1959), *Pline le Jeune. Lettres*, t. III, livres VII-IX. Paris.
- Guillemin, A.-M. (1961, 4<sup>me</sup> ed.). *Pline le Jeune. Lettres*, t. I<sup>er</sup>, livres I-III. Paris.

- Gulick, Ch. B. (1930), *Athenaeus. The Deipnosophists*, vol. VII, repr. 1969. Cambridge (Mass.) – London.
- Herwig, Th. (1864), *De recitatione poetarum apud Romanos*. Diss. Marburgi Hassorum.
- Hicks, R. D. (1925), *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*. vol. II, Cambridge (Mass.) – London.
- Howell, P. (1980), *A Commentary on Book One of the Epigrams of Martial*. London.
- Johnson, W. A. (2000), “Toward a sociology of reading in Classical Antiquity”, *AJPh* 121: 593627.
- Knox, B. M. W. (1968), “Silent Reading in Antiquity”, *GRBS* 9: 421-35.
- Labriolle, P. de, et Villeneuve, F. (1971, 10<sup>ème</sup> ed.), *Juvénal. Satires*. Paris.
- Manguel, A. (1998), *Uma história da leitura* (trad. de Ana Saldanha a partir de *A History of Reading*, 1996). Lisboa.
- Norden, E. (2000), *La prosa artística griega de los orígenes a la edad augustea*. México.
- Pennacini, A. (1989), “L’arte della parola”, in G. Cavallo, P. Fedeli, A. Giardina (dirett.), *Lo spazio letterario di Roma antica*, vol. II. *La circolazione del testo*. Roma, 215-267.
- Pereira, M. H. da Rocha (2009, 4<sup>a</sup> ed.), *Estudos de História da Cultura Clássica*, II vol. – *Cultura Romana*. Lisboa.
- Pereira, M. H. da Rocha (2010, 6<sup>a</sup> ed.), *Romana. Antologia da cultura latina*. Lisboa.
- Pimentel, M. C., et al. (2000), *Martial. Epigramas*, vol. I. Lisboa.
- Pimentel, M. C., et al. (2004), *Martial. Epigramas*, vol. IV. Lisboa.
- Quinn, K. (1982), “The poet and his audience in the Augustan age”, *ANRW* II.30.1: 75-180
- Reynolds, L. D. (1965), *L. Annaei Senecae ad Lucilium epistulae morales*. T. III. Oxford.
- Rolfe, J. C. (1997, 2<sup>nd</sup> ed.), *Suetonius*, vol. II. Cambridge (Mass.) – London.
- Sherwin-White, A. N. (1966), *The Letters of Pliny. A historical and social commentary*. Oxford.
- Silvestre, H. (2000, 2<sup>a</sup> ed.), *Horácio. Sátiras. Epístolas. Arte poética*. Madrid.
- Socas, F. (1996), *Juvenal: Sátiras*. Madrid.
- Waltz, A. (s. d.), *Pline le Jeune. Choix de Lettres*. Paris.
- Waltz, R. (1966, 3<sup>ème</sup> ed.), *Sénèque. L’Apocoloquintose du Divin Claude*. Paris.
- Winterbottom, M. (1974), *The Elder Seneca. Declamations*, vol. I. Cambridge (Mass.) – London.